

o que deve ser explicado" (Bateson, 1980, p. 20), o mesmo valendo, doravante, para a matéria.

Não podemos tampouco "aceitar que o caminho da ciência leva à eliminação do espírito" (A. Heyting) nem que o caminho da filosofia conduz à eliminação do cérebro.

Ambos são necessários, mas insuficientes isoladamente. O espírito dos filósofos necessita do cérebro destes; o universo sem espírito e sem consciência dos cientistas necessita do espírito e da consciência destes. Mais ainda: toda negação do espírito ilustra a surpreendente potência das idéias, logo do espírito, pois é bem o espírito que recusa a sua própria existência para não afetar a idéia que tem da matéria!

Devemos pois partir do reconhecimento dessas duas realidades inseparáveis: nenhuma operação do espírito escapa a uma atividade local e geral do cérebro e deve-se abandonar toda idéia de um fenômeno psíquico independente de um fenômeno biofísico.

Devemos, igualmente, recusar-nos a qualquer subordinação unilateral do espírito ao cérebro e vice-versa, mas antes conceber uma dupla subordinação.

Antes de tudo, num primeiro nível, impõe-se uma relação inegável de dependência do espírito em relação ao cérebro. Pode-se estimular, modificar, aniquilar todos os aspectos do espírito agindo de maneira química, elétrica ou anatômica sobre o cérebro. Pode-se destruir a consciência com secções ou lesões do cérebro; pode-se modificar os estados de consciência com drogas; pode-se manipular a consciência e torná-la inconsciente das manipulações sofridas; intervenções elétricas ou químicas em certas zonas do córtex provocam visões, alucinações, sentimentos, emoções, o que nos mostra bem o quanto o espírito se torna cego em função de alterações físico-químicas. Além disso, aprendemos cada vez mais que os estados psicológicos dependem estreitamente da falta ou do excesso deste ou daquele complexo molecular (assim, a depressão corresponde a uma redução de serotonina no cérebro).

Pelo outro lado, o que afeta o espírito afeta o cérebro e, através do cérebro, todo o organismo. Assim, sabe-se que a dor do luto ou a depressão grave enfraquecem o sistema imunológico durante vários meses<sup>32</sup> e que os males do espírito podem tornar-se doenças

do corpo (psicossomáticas). O condicionamento do espírito pelo espírito pode modificar, via cérebro, as atividades viscerais e humorais (Skinner); a hipnose pode desencadear perturbações fisiológicas e somáticas; a auto-educação da vontade pode levar ao controle dos batimentos do coração (*yogismo*). Além disso, o fenômeno mais intensamente psicocultural, a fé, pode provocar morte ou cura; assim, os tabus, encantamentos, maldições, podem matar; os milagres, curar, e os placebos são eficazes num terço das doenças.

Por isso, a relação do espírito com o cérebro não pode ser simplesmente concebida como a do produto com o produtor, do efeito com a causa, do emanado com a fonte, pois o produto pode retroagir sobre o produtor e o efeito sobre a causa. Tudo isso nos indica uma ação recíproca, um efeito mútuo, uma causalidade circular.

Em consequência, devemos conceber, na sua própria dependência, certa autonomia do espírito. Assim, enquanto começa a decadência biológica do cérebro, parece, depois dos vinte anos, o espírito continua o seu desenvolvimento, o qual pode prosseguir na senescência.

Como então compreender e explicar a dupla subordinação espírito/cérebro

e a relativa autonomia de ambos? Por um neodualismo que salienta a complementaridade indissolúvel entre as entidades materiais – cérebro, organismo – e as entidades "transmateriais" – informações, símbolos, valores? Mas esse neodualismo <sup>\*</sup>escamoteia a própria unidade do cérebro e do espírito. Por um neomonismo <sup>\*</sup>, nem espiritual, nem material, que pretende se basear no "identismo" e na co-referência, ou seja, na co-referência dos estados mentais a uma mesma identidade? Essa tese é totalmente aceitável, mas sob a condição de reconhecer a) que a identidade comum a que se referem espírito e cérebro ainda não foi identificada; b) que a identidade do cérebro e do espírito comporta uma contradição pois se trata evidentemente da identidade do não-idêntico. Ora, precisamos não escamotear nem evitar essa contradição, mas, ao contrário, enfrentá-la.

Assim, como viu com muita lucidez André Bourguignon, "a solução do problema corpo-espírito só pode ser contraditória: o corpo (atividade nervosa encefálica) e o espírito (atividade psíquica) são ao mesmo tempo idênticos, equivalentes e diferentes, distintos. Tal solução impõe nunca privilegiar um dos termos da contradição em

\*: funlar  
 \* a unidade da realidade como um todo (em oposição ao dualismo)